

# GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades GeoAmbES



# ARTIGO

## INTERCULTURALIDADE E INICIAÇÃO CIENTÍFICA JÚNIOR, EM CÁCERES-MT

*Interculturality and Junior Scientific Initiation in  
Cáceres, MT*

*Interculturalidad e Iniciación Científica Junior en  
Cáceres, MT*

### **Reina Yovana Tomicha Masabi**

Ex-bolsista de Iniciação Científica Júnior do CNPq.  
Graduanda em Geografia  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-7432-917X>  
E-mail: [reina.yovana.masabi@unemat.br](mailto:reina.yovana.masabi@unemat.br)

### **Ketila Cebalho Rabelo**

Ex-bolsista de Iniciação Científica Júnior do  
CNPq. Graduanda em Geografia.  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-9064-2829>  
E-mail: [ketilacebalho49@gmail.com](mailto:ketilacebalho49@gmail.com)

### **Jussara Cebalho**

Doutoranda pelo Programa de Pós  
Graduação em Geografia-UNEMAT,  
professora da Educação Básica do Estado de  
Mato Grosso  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3720-1880>  
E-mail: [jussaracebalho@hotmail.com](mailto:jussaracebalho@hotmail.com)

### **Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira**

Doutora em Geografia pela UFF. Professora dos  
Programas de Pós-Graduação em Geografia e  
Educação Intercultural Indígena da Universidade  
do Estado de Mato Grosso, UNEMAT.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8733-8255>  
E-mail: [lisanilpatrocinio@gmail.com](mailto:lisanilpatrocinio@gmail.com)

Como citar este artigo:

MASABI, Reina Y. Tomicha; RABELO, Ketila  
Cebalho; CEBALHO, Jussara; PEREIRA, Lisanil da  
Conceição Patrocínio. Interculturalidade e Iniciação  
Científica Júnior em Cáceres-MT. **GEOGRAFIA:  
Ambiente, Educação e Sociedades –  
GeoAmbES**, jan./jun. vol. 3, n. 7, p. 155-167, 2025.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes>

Volume 3, número 7 (2025)

ISSN 25959026

## INTERCULTURALIDADE E INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM CÁ CERES-MT

*Interculturality and Junior Scientific Initiation in Cáceres-MT*

*Interculturalidad e Iniciación Científica Junior en Cáceres-MT*

### Resumo

Apresenta-se, neste trabalho, um relato de experiência que analisa os impactos da Iniciação Científica Júnior (ICJ) na formação acadêmica e no desenvolvimento pessoal de estudantes do Ensino Médio, na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). A investigação foi conduzida em Cáceres, MT, município situado em região de fronteira caracterizada pela diversidade cultural e pelos fluxos migratórios. Participaram do estudo duas ex-bolsistas do CNPq, atualmente graduandas em Geografia, sendo uma migrante boliviana e a outra residente local. Para a produção dos dados, foram considerados depoimentos orais e registros elaborados pelas participantes. Os resultados demonstram que a ICJ favoreceu o protagonismo discente, o exercício do pensamento crítico e a valorização das identidades culturais.

**Palavras-chave:** Interculturalidade. Iniciação Científica Júnior. Educação de Jovens e Adultos.

### Abstract

We present an experience report investigating the impacts of Junior Scientific Initiation (JSI) on the academic development and personal development of high school students in the EJA program. The research was conducted in Cáceres, Mato Grosso, a border region marked by cultural diversity and migration. Two former CNPq scholarship holders, currently studying Geography, participated, one a Bolivian migrant, and the other a local resident. Oral accounts and records were analyzed. The results show that JSI contributed to student empowerment, critical thinking, and cultural appreciation. Intercultural experiences strengthened identities and promoted social inclusion.

**Keywords:** Interculturality. Junior Scientific Initiation. Youth and Adult Education.

### Resumen

Presentamos un informe de experiencia que investiga los impactos de la Iniciación Científica Juvenil (ICJ) en el desarrollo académico y personal de estudiantes de secundaria del programa EJA. La investigación se llevó a cabo en Cáceres, Mato Grosso, una región fronteriza marcada por la diversidad cultural y la migración. Participaron dos exbecarios del CNPq, estudiantes de Geografía: uno migrante boliviano y el otro residente local. Se analizaron relatos y registros orales. Los resultados muestran que la ICJ contribuyó al empoderamiento estudiantil, el pensamiento crítico y la apreciación cultural. Las experiencias interculturales fortalecieron las identidades y promovieron la inclusión social.

**Palabras clave:** Interculturalidad. Iniciación Científica Junior. Educación de Jóvenes y Adultos.

## Introdução

A Iniciação Científica Júnior (ICJ) constitui-se em um espaço privilegiado de formação, uma vez que estimula o pensamento crítico, a prática da pesquisa e o protagonismo dos estudantes da Educação Básica, além de favorecer a integração social e o contato com diferentes culturas. No âmbito da Olimpíada Nacional de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas de Mato Grosso, tais iniciativas possibilitaram interações com saberes tradicionais e o fortalecimento de identidades, sobretudo entre alunos em contextos de vulnerabilidade social ou de migração. Conforme observa Candau (2008), a perspectiva intercultural valoriza o diálogo e a interação entre culturas distintas, reconhecendo a relevância de integrar experiências e conhecimentos diversos ao cotidiano escolar, o que amplia horizontes e contribui para a construção de sociedades mais democráticas.

Este estudo apresenta as vivências de duas ex-bolsistas do CNPq, atualmente graduandas em Geografia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), que concluíram o Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), na Escola Estadual Professor Milton Marques Curvo, em Cáceres, MT. Uma delas é migrante boliviana; a outra, residente local. Ambas enfrentaram desafios e alcançaram conquistas diretamente vinculadas à participação no Projeto de Iniciação Científica.

O objetivo central foi examinar as contribuições dessa experiência para a formação acadêmica e o desenvolvimento pessoal das participantes, descrevendo suas trajetórias, identificando o papel da ICJ no aprimoramento de competências e discutindo a influência das vivências interculturais na construção de identidades. A relevância do estudo reside em evidenciar a ICJ como instrumento de inclusão e valorização cultural, capaz de ampliar horizontes acadêmicos, transformar percursos de vida e inspirar práticas pedagógicas que articulem ciência e diversidade cultural.

Nessa perspectiva, Quijano (2005) argumenta que reconhecer e valorizar diferentes matrizes culturais constitui também um caminho para enfrentar a colonialidade do poder, desafiando estruturas históricas de dominação e promovendo relações mais equitativas no campo do conhecimento. Assim, ao integrar ciência, cultura e diálogo, constrói-se um espaço no qual aprender e ensinar configuram-se como atos coletivos, capazes de gerar impactos duradouros tanto na vida dos estudantes quanto na comunidade em que estão inseridos. As vivências interculturais

inclusive fortaleceram o sentido de pertencimento e promoveram processos de inclusão social.

Conclui-se que a bolsa de ICJ ofertada pelo CNPq configura-se como instrumento relevante de transformação educacional e de crescimento pessoal, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas que articulem ciência e diversidade cultural.

### **Caracterização da área de estudo**

A pesquisa foi desenvolvida no Município de Cáceres, situado no Estado de Mato Grosso, Brasil, a aproximadamente 220 km da capital, Cuiabá. Localizada às margens do rio Paraguai, a cidade configura-se como um importante polo regional, reconhecido pela diversidade cultural e por sua função de porta de entrada para o Pantanal mato-grossense.

A população local é marcada pela presença de diferentes grupos étnicos e culturais, entre os quais se destacam comunidades indígenas, quilombolas e migrantes, especialmente bolivianos, em razão da proximidade com a fronteira internacional. Como observa Machado (2018), no contexto fronteiriço, a etnia Chiquitana expressa traços identitários de uma cultura híbrida, que incorpora elementos tanto da tradição brasileira quanto da boliviana. Ademais, a herança afro-brasileira também se manifesta nesse espaço, representando a memória histórica dos povos africanos trazidos como escravizados.

Cáceres está inserida na faixa de fronteira com a Bolívia, distando aproximadamente 90 km do posto fronteiriço de San Matías. De acordo com Mondardo (2018), o conceito de *fronteira*, na ciência geográfica, é compreendido de diferentes maneiras, sendo uma noção multifacetada, polissêmica e ambígua, devido aos variados significados e às distintas escalas em que se manifesta. Nesse sentido, constitui-se como um instrumento analítico para a percepção, interpretação e experiência do espaço no mundo contemporâneo.

Essa condição geográfica insere o município em dinâmicas econômicas, sociais e culturais particulares, marcadas pela circulação de pessoas, mercadorias e saberes entre Brasil e Bolívia. O intercâmbio transfronteiriço é intenso e reflete-se na gastronomia, no linguajar regional, nas festividades e nas práticas sociais cotidianas.

Do ponto de vista jurídico, a faixa de fronteira é definida pela Lei nº 6.634/1979 como uma área de até 150 km de largura, paralela à linha divisória terrestre do território nacional, considerada fundamental para a defesa do país e sujeita a regulamentações específicas. Nessa perspectiva, Cáceres integra essa zona estratégica, o que implica tanto desafios quanto oportunidades para a formulação de políticas públicas voltadas à segurança, à integração socioeconômica e ao fortalecimento dos laços culturais.

### **Caminhos metodológicos**

Este estudo configura-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa e de natureza descritivo-reflexiva, cujo propósito é compreender os impactos da participação em projetos de Iniciação Científica Júnior (ICJ) na formação acadêmica e no desenvolvimento pessoal de estudantes do Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). De acordo com Minayo (2009), a pesquisa qualitativa permite aprofundar a compreensão de fenômenos sociais por meio da observação, da interação e da análise das experiências dos sujeitos, possibilitando captar significados e interpretações construídos no contexto em que vivem.

A investigação foi desenvolvida no Município de Cáceres, MT, tendo como cenário a Escola Estadual de Desenvolvimento Integral da Educação Básica Professor Milton Marques Curvo, instituição que mantém um projeto voltado a imigrantes e participa da Olimpíada Nacional de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas de Mato Grosso. As participantes foram duas ex-bolsistas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), atualmente graduandas em Geografia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

Para a produção dos dados, foram considerados registros elaborados pelas próprias estudantes durante a participação nos projetos, incluindo resumos expandidos, capítulos de livro, anais de eventos e registros fotográficos. Esse material foi organizado em ordem cronológica e submetido à análise de conteúdo temática, metodologia que permite identificar elementos comuns e singulares nas trajetórias, bem como estabelecer conexões com referenciais teóricos.

No âmbito deste estudo, os conceitos de *educação como prática da liberdade* (Freire, 1996), *colonialidade do poder* (Quijano, 2005) e *interculturalidade* (Candau,

2008) foram mobilizados para discutir como as experiências nos projetos repercutiram no protagonismo estudantil, na valorização cultural e na construção identitária das participantes.

## Resultados e discussão

As experiências relatadas a seguir evidenciam que a participação em projetos de Iniciação Científica Júnior (ICJ), especialmente no âmbito da Olimpíada Nacional de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas de Mato Grosso, constitui um importante instrumento de aprimoramento da formação acadêmica e de fortalecimento do desenvolvimento pessoal das estudantes. Ressalta-se que ambas são amigas e concluíram o Ensino Médio na Escola Estadual de Desenvolvimento Integral da Educação Básica Professor Milton Marques Curvo, pela modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A estudante **Reina** nasceu na casa dos avós paternos, no Departamento de Santa Cruz de La Sierra, província Ángel Sandoval, comunidade de San Joaquín, Bolívia. Atualmente com 30 anos, cursa o 2º semestre da graduação em Geografia e expressa com orgulho sua origem boliviana. Realizou toda a educação fundamental e média em língua castelhana em sua comunidade de origem, reconhecendo a escola e o estudo como fios condutores de sua trajetória de vida, em constante processo de construção.

Sua vinda ao Brasil ocorreu há sete anos, motivada por questões de saúde de sua primeira filha, Victória Eduarda, nascida prematura em San Matías (província Ángel Sandoval), onde não havia recursos médicos adequados para o atendimento. Três meses após o nascimento da filha, Reina conheceu o *Projeto para imigrantes* por intermédio de sua irmã e de seu pai, que haviam recebido panfletos no Hospital Regional. As professoras da escola, engajadas na modalidade EJA, realizavam a distribuição de informativos para estimular pessoas que não haviam concluído a Educação Básica a retomarem os estudos, prática recorrente nesse tipo de oferta educacional. Posteriormente, com a parceria estabelecida entre a Escola e o Consulado da Bolívia, Reina pôde efetivar sua matrícula no projeto.

No início, enfrentou dificuldades nas aulas, não por falta de empenho – já que sempre se mostrou dedicada e comprometida –, mas devido ao idioma. Nesse processo, contou com o apoio de professoras que a auxiliaram na aprendizagem da



língua portuguesa, tanto na oralidade quanto na escrita, garantindo-lhe condições de integração e progresso escolar. Reina destaca a importância desse suporte, reconhecendo no projeto um pilar essencial para sua formação e agradecendo às docentes Rosângela Antonini, Elaine Mamoré e Maria Martins, que contribuíram significativamente para sua trajetória. Foi por meio desse acompanhamento que conseguiu cursar todo o Ensino Fundamental dentro do projeto.

**Figura 01:** Reina e suas colegas imigrantes



**Fonte:** Internet (2018).

Ao ingressar no Ensino Médio, Reina já não enfrentava dificuldades de interação com os colegas. Em maio de 2019, engravidou de seu segundo filho, Abdiel, interrompendo os estudos por dois anos para cuidar dele, uma vez que nasceu com pé torto congênito e precisou passar por duas cirurgias. Em 2022, retornou à escola e retomou o primeiro ano do Ensino Médio. Esse percurso marcou profundamente sua trajetória escolar, não apenas pelo aprendizado acadêmico, mas também pelas relações de amizade e companheirismo. Durante os três anos de formação, conviveu com diversas professoras, entre elas duas docentes de Geografia, Jussara e Anastácia, que exerceram papel fundamental em seu processo formativo.

Em 2022, durante uma aula de Geografia, a professora Jussara lançou o desafio de elaborar um trabalho para ser apresentado na Olimpíada Nacional de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas de Mato Grosso, em Cuiabá.

Inicialmente, nenhum estudante se voluntariou, mas, posteriormente, Reina e seu colega Marcos procuraram a professora em busca de orientação. Assim, desenvolveram a primeira pesquisa, intitulada *Os problemas ambientais do rio Paraguai na percepção de moradores de bairros periféricos de Cáceres, MT*. Embora não tenha podido viajar a Cuiabá, Reina apresentou o estudo em vídeo.

No ano seguinte, em 2023, elaborou um novo trabalho, desta vez em parceria com duas colegas, sobre a convivência com estudantes indígenas na escola. O grupo investigou a percepção dos alunos não indígenas em relação aos indígenas Xavantes, resultando na pesquisa *Percepção dos alunos não indígenas sobre os alunos indígenas em uma escola de Cáceres*. Essa experiência marcou sua primeira apresentação presencial em português, na cidade de Cuiabá. Apesar do nervosismo, ganhou confiança e manteve-se engajada em novas pesquisas e apresentações.

Durante os três anos do Ensino Médio, Reina foi bolsista do CNPq, no âmbito da Olimpíada Nacional de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas de Mato Grosso. Publicou um capítulo de livro e artigos completos em anais de congresso, experiências que só se tornaram possíveis pelo apoio das professoras da Unemat como Lisanil da Conceição Patrocínio e Waldineia Antunes Alcântara Ferreira, além da oportunidade de conhecer diferentes espaços, como o Município de Juara, o Quilombo São Benedito e a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

Mais especificamente, o contato com a disciplina de Geografia motivou sua escolha pelo curso universitário, sendo determinante para que sua vivência escolar e pessoal se consolidasse como parte essencial de sua identidade e de seu percurso acadêmico. Ao refletir sobre sua condição de imigrante, Reina interpreta sua experiência à luz do conceito de *colonialidade do poder* (Quijano, 2005), compreendendo que as relações sociais e culturais na América Latina ainda são atravessadas por estruturas de dominação. Ao acessar a educação e reconhecer-se como produtora de saberes, afirma ter rompido com barreiras históricas, conquistando um espaço de fala antes negado a muitos migrantes.

A estudante **Kétila**, por sua vez, nasceu e reside em Cáceres, MT. Em seu relato, compartilha parte da experiência como bolsista e o contato enriquecedor que estabeleceu com a cultura indígena. No início, a adaptação foi desafiadora, pois desconhecia o funcionamento da iniciação científica. Relata que precisou superar a



timidez e aprender a falar em público, além de ampliar o contato com outras culturas, especialmente a dos povos indígenas.

A bolsa de Iniciação Científica foi decisiva para o desenvolvimento de competências que ela mesma desconhecia possuir. Seu primeiro contato com a cultura indígena ocorreu na própria Escola Estadual Professor Milton Marques Curvo, onde estudavam estudantes Xavantes. Posteriormente, aprofundou esse aprendizado na Olimpíada Nacional de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas de Mato Grosso, com a orientação da professora Lisanil da Conceição Patrocínio.

Foi por meio desse projeto que despertou o interesse pelo curso de Geografia na UNEMAT, compreendendo com mais profundidade a diversidade cultural, os territórios e as realidades dos povos tradicionais do estado. Essa vivência contribuiu para aprimorar suas habilidades de escrita, ampliar o conhecimento sobre diferentes culturas e enriquecer sua formação. Entre os aprendizados, destaca o contato com os artesanatos indígenas, em especial os brincos, que admira e reconhece como expressões significativas da cultura dos povos originários (Figura 02).

**Figura 02:** Usando um brinco da arte indígena



**Fonte:** Autoras, 2024.

Além disso, Reina teve a oportunidade de conhecer novos lugares, como Cuiabá, o Quilombo São Benedito em Poconé, Juara e San Matías, na Bolívia. Graças à bolsa de Iniciação Científica, conseguiu concluir o Ensino Médio em 2024, na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos). Conforme destaca Freire (1996), essa modalidade constitui um espaço de construção do conhecimento no

qual o educando é protagonista de sua aprendizagem, tendo suas experiências de vida reconhecidas e valorizadas.

Atualmente, cursa Geografia e considera que essa vivência foi decisiva para seu crescimento pessoal e profissional. Reconhece também a relevância de enfrentar a *colonialidade do poder* (Quijano, 2005) como condição necessária para valorizar, de forma efetiva, os saberes e os territórios de povos originários e quilombolas. Em sua trajetória, agradece especialmente às professoras Lisanil, Jussara e Anastácia, pelo apoio constante ao longo do percurso escolar. Carrega consigo, com orgulho e gratidão, tudo o que aprendeu, mantendo-se motivada a prosseguir nos estudos e a valorizar as culturas que compõem a riqueza sociocultural de seu país.

A reflexão de Freire (1996) sobre a educação como prática de liberdade — capaz de transformar vidas e promover o protagonismo dos sujeitos em sua própria história — ajuda a compreender o impacto dessa experiência. Nesse sentido, a trajetória das estudantes evidencia o potencial da escola como espaço de acolhimento, empoderamento e construção identitária, como se observa de maneira exemplar no caso da estudante boliviana.

Outro aspecto relevante refere-se à produção conjunta das duas estudantes, que elaboraram o artigo intitulado *A dança como intercâmbio cultural entre Brasil e Bolívia*. Nele, descrevem como a dança, enquanto instrumento de mediação intercultural, foi transformadora em suas vidas. Durante a experiência, a estudante boliviana apresentou o *rasqueado*, dança tradicional mato-grossense, enquanto a estudante brasileira dançou o *taquirari*, expressão cultural boliviana. Essa troca fortaleceu os laços entre Brasil e Bolívia, ao mesmo tempo em que ampliou a compreensão das especificidades e riquezas culturais de ambos os países.

Tal vivência contribuiu para o desenvolvimento pessoal das alunas, evidenciando a relevância do respeito à diversidade cultural. Como argumenta Candau (2008, 2012), a interculturalidade ultrapassa a mera coexistência de culturas: implica diálogo, interação e construção compartilhada de saberes, reconhecendo as assimetrias de poder e buscando superá-las. Assim, a troca cultural vivenciada pelas estudantes não se restringiu à dimensão estética das danças, mas representou um exercício de reconhecimento mútuo e de valorização das identidades, fortalecendo práticas educativas mais inclusivas e democráticas.

### Considerações finais

As experiências relatadas evidenciam que a participação em projetos de Iniciação Científica Júnior, especialmente no âmbito da Olimpíada Nacional de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas de Mato Grosso, constitui um recurso significativo para o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes. Para ambas as participantes, essa vivência não apenas ampliou o repertório científico, mas também contribuiu para o fortalecimento de habilidades socioemocionais, como autoconfiança, capacidade comunicativa, cooperação e empatia diante das distintas realidades culturais e sociais.

No caso da estudante boliviana, o envolvimento no projeto representou uma oportunidade singular de integração e adaptação a um novo país, favorecendo a superação de barreiras linguísticas e culturais, além de possibilitar o reconhecimento e a valorização de sua própria trajetória e identidade. Já para a estudante cacerense, o contato com outras culturas e a inserção ativa em atividades de pesquisa fortaleceram seu interesse acadêmico, ampliaram sua formação cultural e proporcionaram experiências práticas que enriqueceram sua aprendizagem.

Desse modo, os projetos de Iniciação Científica Júnior revelam-se potentes ao protagonismo estudantil, no estímulo à curiosidade científica e na valorização da diversidade cultural presente no ambiente escolar. A vivência em diferentes contextos, a realização de atividades de campo, a interação com comunidades tradicionais e a participação em eventos científicos contribuíram para que as estudantes desenvolvessem competências tanto acadêmicas quanto pessoais, construindo trajetórias que se configuram como exemplos de superação, dedicação e compromisso com o conhecimento.

Tais resultados demonstram que a educação, quando articulada a projetos que incentivam a participação ativa e a pesquisa, desempenha um papel transformador, promovendo inclusão, reconhecimento de saberes diversos e valorização das culturas dos povos tradicionais. Nesse sentido, a experiência dessas estudantes reafirma a relevância de manter e expandir iniciativas dessa natureza, capazes de fortalecer a formação integral, ampliar a consciência social e cultural e favorecer a construção de um percurso acadêmico e pessoal mais sólido e significativo.

## Referências

BRASIL. **Lei nº 6.634, de 2 de maio de 1979. Dispõe sobre a Faixa de Fronteira, altera o Decreto-lei nº 1.135, de 3 de dezembro de 1970, e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 maio 1979. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6634.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6634.htm). Acesso em: 11 mai. 2025.

CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural e cotidiano escolar.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CANDAU, Vera Maria. Interculturalidade e educação: diálogos, tensões e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 50, p. 371-383, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000200012>. Acesso em: 11 mai. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MACHADO, Maria Fátima Roberto. Território, culturas e identidades negras em Mato Grosso. *In*: MACHADO, Maria Fátima Roberto(org.). **Diversidade sociocultural em Mato Grosso.** Cuiabá: Entrelinhas, 2008. p. 42-67

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. *In*: DESLANDES, Suely Ferreira; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social.** Petrópolis. RJ: Vozes, 2009.

MONDARDO, Marcos Leandro. **Territórios de trânsito:** Dos conflitos entre Guarani e Kaiowá, paraguaios e “gaúchos” à produção de multi/transterritorialidades na fronteira. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: Lander, Edgardo (org.) **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 181-248.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO (SEDUC). **Educação para Imigrantes.** Cuiabá. Disponível em: <https://seduc.lab.mt.gov.br/eja/educacao-para-imigrantes>. Acesso em 10 de mai. de 2025.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Narrativas de si, formação docente e autobiografia: entre tramas e tessituras. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96, p. 23-44, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/i/2006.v27n96/>

Recebido: 03/06/2025

Aprovado: 07/06/2025

Publicado: 30/06/2025